

**A DESCONSTRUÇÃO DO *ETHOS*: O PAPEL DA PROSÓDIA NA EXPRESSÃO DE
ATTITUDES NO DISCURSO POLÍTICO**

*DECONSTRUCTING THE ETHOS: THE ROLE OF PROSODY IN THE EXPRESSION OF
POLITICAL DISCOURSE ATTITUDES*

Leandro Silva Moura

Universidade Federal de Ouro Preto

RESUMO: A prosódia, esquecida durante algum tempo nos estudos linguísticos, é um aspecto de fundamental importância para o discurso. É por meio dela que podemos, por exemplo, distinguir modalidades frasais, identificar a origem geográfica e reconhecer os estados afetivos do falante. Nos últimos anos, a prosódia dos afetos sociais tem ganhado foco. Em situações discursivas, como em debates políticos eleitorais televisionados, aspectos de natureza prosódica se unem à argumentação retórica, dando força aos marcadores retóricos. Quando um candidato ataca diretamente seu adversário, tentando derrubar a imagem (ou *ethos*, pode-se acrescentar) por ele construída, o faz por meio de críticas, entre outras atitudes, que são expressas no discurso via prosódia. O objetivo deste trabalho é, assim, apresentar uma análise de um momento em que essa desconstrução acontece em debates eleitorais, mostrando quais são as contribuições da prosódia durante a expressão da atitude de crítica.

PALAVRAS-CHAVE: prosódia; atitudes; discurso político; crítica; argumentação.

ABSTRACT: Prosody, forgotten for a certain time in linguistic studies, is a fundamental aspect in discourse. Through it is possible, for example, to distinguish phrasal modalities, identify someone's geographical origin, and recognize the speaker's emotional states. In recent years, emotional prosody has been highlighted. In discourse situations, such as televised election debates, prosodic features join the rhetorical argumentation, strengthening the rhetorical markers. When a candidate verbally attacks their adversary, in an attempt to ruin the *ethos* built by them, it is done, among other things, through criticisms expressed in the discourse via prosody. Thus, the aim of this paper is to present an analysis of a situation in which this deconstruction happens in election debates, showing which the contributions of prosody are during the expression of the critical attitude.

KEYWORDS: prosody; attitudes; critical; political discourse; argumentation.

Introdução

O cenário político é permeado por situações argumentativas que possibilitam, quando os candidatos constroem seu discurso, a projeção de uma imagem com vistas ao convencimento de seu auditório. Ao mesmo tempo, um candidato pode atacar o *ethos* de seu(s) adversário(s). Como já apontado por Charaudeau (2006), “o discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras” (CHARAUDEAU, 2006) e, podemos acrescentar, um lugar em que o candidato mostra-se conforme seu propósito enunciativo.

Assim, os debates políticos eleitorais televisivos são bons ambientes para que essas (des)construções das imagens de si possam emergir. É nesse cenário que um candidato pode atacar diretamente seus adversários, inclusive pelas suas formas de falar, tentando fazer com que o *ethos*, construído no momento da interação ou anteriormente, seja ou não comprometido. A desconstrução dessa imagem pode, portanto, prejudicar um candidato e, ao mesmo tempo, trazer à luz qualidades de outro.

A argumentação retórica não mostra somente as faces de cada um, mas, também, pode colocar em xeque as imagens construídas quando se trata de discurso político. Salientamos que junto à argumentação retórica, presente nesses contextos de debate político eleitoral televisivo, a prosódia é um constituinte linguístico de fundamental importância para o discurso oral e que atua durante esses momentos de conflito entre os candidatos de modo bastante expressivo. Aristóteles (1998), ao discorrer sobre aspectos concernentes ao discurso, já sinalizava que questões relacionadas à pronúncia figuram como elemento retórico importante. O autor dizia que questões rítmicas, de volume e de harmonia, ou seja, o que hoje denominamos prosódia, atuam juntamente à argumentação retórica, contribuindo de maneira significativa para a construção de sentido.

Nas últimas décadas os estudos prosódicos ganharam espaço no cenário linguístico e, mais recentemente, a prosódia dos afetos sociais ganhou foco. Entre as diversas funções atribuídas à prosódia ao longo do tempo, destacamos aquela responsável pelo reconhecimento dos estados afetivos do falante: a função expressiva ou atitudinal. Assim, quando um candidato constrói uma crítica, por exemplo nos momentos de ataque ao adversário nos debates políticos, aspectos prosódicos dão forma aos processos argumentativos e à força retórica dos enunciados. Ao construir uma crítica ou provocar o adversário, atacando-o, é através de modulações no modo de falar (como mudanças de altura melódica, prolongamento ou não de sílabas enfatizadas, mudanças na qualidade de voz etc.) que essa atitude será reconhecida pelo ouvinte.

Nosso objetivo neste trabalho é mostrar como elementos de natureza prosódica unem-se à argumentação retórica durante os momentos de conflitos entre candidatos ao governo de Minas Gerais nas eleições de 2014. Entendemos que nesses momentos os candidatos, ao atacarem seus adversários com vistas à desconstrução do *ethos* adversário, o fazem por meio da expressão de atitudes, às quais denominamos aqui atitudes de ataque. Entre elas, podemos citar a crítica, a provocação, a ironia, o sarcasmo

etc. A seguir, passaremos às discussões de alguns aspectos teóricos sobre retórica, *ethos* e prosódia, fundamentais para a discussão aqui proposta.

1. Retórica e *ethos*: algumas considerações

Os estudos acerca da argumentação remontam à Antiguidade Clássica, quando Aristóteles apresenta, no Livro I de sua *Retórica*, a definição dessa disciplina. Segundo o autor, a retórica, vista como ciência e arte, é a outra face da dialética. Elas não pertencem a nenhuma ciência específica, e fazem, tanto a retórica como a dialética, menção ao que é relacionado aos indivíduos em suas trocas simbólicas. Desse modo, todo homem faz uso de ambas para discutir e sustentar suas ideias, de maneira defensiva ou acusativa, em relação ao outro a quem dirige seu discurso. Cabe ponderarmos que, conforme Aristóteles (1998), tanto a retórica como a dialética são formas de argumentação. No entanto, elas se diferenciam especificamente em relação ao público: enquanto a retórica diz respeito à palavra pública, isto é, aos usos da argumentação nos domínios judiciários, deliberativos e epidídicos, a dialética é reduzida à esfera privada, às conversas entre especialistas, entre pares, entre mestres e discípulos ou pesquisadores de uma determinada área etc. No campo da retórica, o auditório é visto de maneira passiva, respondendo em menor grau ao orador. Por sua vez, no campo da dialética, o interlocutor é mais responsável e ativo, visto que não se encontra na esfera do público em geral. Conforme pondera Aristóteles, existem alguns elementos que são supridos pela palavra falada, ou seja, elementos que dependem da arte retórica: o *ethos*, o *logos* e o *pathos*. Interessa-nos aqui o *ethos*, prova retórica sobre a qual nos aterremos nos próximos parágrafos.

A noção de *ethos* é consagrada por Aristóteles (1998) quando o autor comenta a respeito dos meios de persuasão, dependentes da palavra. Para o autor, é a partir do caráter que o orador pode se apresentar como digno de crédito, pois, um auditório acredita de maneira mais rápida em pessoas honestas e, sobretudo, em coisas que não geram nenhum tipo de dúvida. Entretanto, para Aristóteles, essa confiança resulta de um momento específico do discurso, quando o orador toma a palavra, e não de um saber prévio sobre ele. Assim, o caráter é, em alguma medida, o principal meio de persuasão,

pois “não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade do que fala” (ARISTÓTELES, 1998, p. 49).

Aristóteles (1998) sustenta que a prudência (*phronesis*), a virtude (*areté*) e a benevolência (*eunóia*) são as três dimensões *ethicas* que tornam o orador persuasivo e, quando ele mente, por exemplo, o faz por intermédio desses três aspectos ou de algum deles. Essas três dimensões do orador são importantes, pois elas permitem que o auditório seja persuadido.

Passando às concepções contemporâneas sobre o *ethos*, podemos citar o trabalho de Charaudeau (2006). O autor, filiado à noção retórica, discute se o *ethos* enquanto imagem de si se relaciona ao locutor, ou seja, à pessoa real que fala, ou ao enunciador, isto é, à pessoa como ser que fala. De acordo com o autor, os dois aspectos devem ser considerados, pois o *ethos* “enquanto imagem de si que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; ele é, antes de tudo, a imagem de que se transveste o interlocutor, a partir daquilo que diz” (CHARAUDEAU, 2006, p. 115). Assim, o *ethos* é resultado de uma construção imagética do sujeito que fala, com base em dados que preexistem ao discurso (denominado *ethos* pré-discursivo) e por dados que são trazidos pelo próprio ato de linguagem (*ethos* discursivo). Ele emana de uma visão global e se constrói, *a priori*, por uma imagem visada por uma opinião coletiva. Além disso, resulta de uma encenação, através de situações sociocomunicativas, sendo dependente de julgamentos realizados pelos envolvidos no processo.

Maingueneau (2006; 2008) discute o *ethos* numa perspectiva que, segundo ele, se afasta em alguma medida do quadro retórico. A concepção adotada pelo autor ultrapassa bastante o quadro da argumentação e a incidência do *ethos* é estuda em textos escritos, que apresentem ou não alguma sequencialidade argumentativa. O autor lembra que Aristóteles não pretendia mostrar o que é persuasivo para um indivíduo, mas sim para tipos de indivíduo. Nessa perspectiva, quando se tenta provar pelo *ethos*, o orador é responsável pela construção de um discurso que cause boa impressão, atingindo um auditório de maneira mais abrangente. Essa “boa impressão” é o que condiciona uma apropriada imagem de si e, consequentemente, a adesão às teses defendidas por quem as sustenta. Ligado ao ato de enunciação, o *ethos* de um orador conduz o público a construir uma imagem desse orador antes mesmo que ele fale. A essa imagem preconcebida, destinou-se o termo *ethos* pré-discursivo. Por sua vez, enquanto ser que

enuncia, o orador constrói um *ethos discursivo* durante o ato de enunciação. Em seu trabalho de 2008, Maingueneau pontua que o *ethos* é resultado do desdobramento de um registro mostrado, e, às vezes, dito. Assim, o autor entende que enquanto o *ethos* mostrado está no domínio do não explícito, em que o orador oferece ao ouvinte algumas pistas no momento da enunciação, o *ethos* dito manifesta-se a partir de referências diretas do enunciador. Ambas as categorias fazem parte do chamado *ethos discursivo*.

As discussões revisadas até o momento nos mostram que o *ethos* pode ser associado ao caráter do orador, como quer Aristóteles, e envolver, também, um saber prévio sobre o orador, como argumentam Maingueneau e Charaudeau. Sustentados por esses autores, entendemos que o *ethos* está relacionado à imagem que o orador constrói no e pelo discurso, durante seu ato enunciativo. Além disso, acreditamos que existe um saber sobre esse orador, partilhado pelo auditório, que diz respeito às imagens prévias deste. Assim, acreditamos que essas construções imagéticas são, possivelmente, um dos elementos que condicionam a adesão das teses propostas por quem toma a palavra, ainda que não sejam verdadeiras. Especialmente aos nos referirmos ao discurso político, acreditamos que essas imagens são um dos fatores que podem levar um candidato à vitória nas urnas.

1.2 Ethos no discurso político

Sabemos que numa campanha política, especialmente em debates políticos eleitorais televisionados, cada candidato se mostra conforme seu propósito comunicativo. A palavra, nesse campo, é resultado de um jogo estratégico do qual o grande soberano é o ser que enuncia e é tomada tanto pelo que diz, como pelo que não diz. Quando inscrita em uma prática social, circulando em um espaço público, a palavra estabelece uma relação de poder entre os envolvidos e suas trocas simbólicas. Charaudeau defende que a fala, especialmente a fala política, tem um caráter social e não individual e é por meio da fala, portanto, que o candidato mostra seu *ethos* ao seu auditório (CHARAUDEAU, 2006).

De acordo com Charaudeau (2006), há uma categoria de *ethos* fundamentada no discurso do afeto, o *ethos de identificação*, cujas imagens são destinadas a tocar o maior número de indivíduos, ainda que esse número seja heterogêneo e vago. O que o autor

chamou de *ethos* de identificação também havia sido mostrado na Retórica, quando Aristóteles (1998) pontua que o orador deve mostrar-se benevolente e solidário aos anseios de seu auditório. Entre as imagens que caracterizam esse *ethos*, Charaudeau (2006) destaca os *ethé* de potência, de caráter, de inteligência, de humanidade, de chefia e de solidariedade. A junção entre o *ethos* de credibilidade, aspecto igualmente fundamental no discurso político, e o *ethos* de identificação permite a construção de um *ethos* político. Dito de outra forma, a associação entre a credibilidade e a identificação conduz a uma construção imagética pretendida pelo orador político, a fim de mostrar uma imagem positiva de si. No entanto, é importante pontuarmos que esses diversos *ethé* que dão forma ao *ethos político*, como proposto por Charaudeau, não são os únicos construídos pelos candidatos no momento do discurso. Além desses, o candidato pode se mostrar *despojado*, *descontraído*, *provocador*, *irônico*, *emocionado*, *comovido*, *confiante*, *nervoso*, *indignado*, *preocupado*, *confuso*, *ofendido*, *alegre* e outros.

Nos debates políticos eleitorais televisionados, no qual os participantes entram em conflito direto quase a todo instante, acreditamos que há um saber prévio sobre cada um e que os candidatos constroem, também, um *ethos* naquele momento específico de interação verbal, momento este em que os confrontos estão acontecendo diretamente entre eles. Trata-se, na verdade, das construções do *ethos* político apontado por Charaudeau (2006). Nesse ambiente, um candidato pode, também, atacar seus adversários e desconstruir-los não somente via argumentação, mas também via prosódia. Desse modo, essas desconstruções acontecem a partir da interação de diversos aspectos linguísticos, o que nos permite dizer que, junto à argumentação retórica, elementos de natureza prosódica dão força aos marcadores discursivos. Parece-nos pertinente tratarmos da prosódia nas próximas seções, aspecto linguístico de grande importância para a construção de sentido em práticas discursivas.

2. Prosódia

A prosódia, termo de origem grega, pode ser entendida, *grosso modo*, como um conjunto de aspectos suprasegmentais, tais como organização temporal, organização melódica e intensidade, que interagem junto a outros elementos discursivos, nos processos de construção de sentido. (cf. COUPER-KUHLEN, 1986; 't HART, COLLIER &

COHEN, 1990; HIRST, DI CRISTO, 1998). Conforme Barbosa (2012), estruturalistas e funcionalistas defendiam a prosódia de maneira negativa num primeiro momento, associando-a ao que não está no nível segmental e hoje são inegáveis suas contribuições para o discurso. Aliás, suas contribuições já se faziam presentes na Antiguidade Clássica, quando Aristóteles (1998) menciona na Retórica que o ritmo, a harmonia e o volume são aspectos que auxiliam o orador durante sua enunciação. Todavia, a definição do termo é hoje ainda problemática, pois não há um consenso entre os estudiosos da área.

Para Crystal (1969), a prosódia pode ser definida tanto negativa como positivamente. Num ponto de vista negativo, o autor argumenta que há, dentro de um ato de fala, aspectos da estrutura linguística que estariam fora do escopo de uma análise prosódica formal. Assim, gramática, vocabulário e fonologia segmental estariam removidos do que se chama prosódia. No entanto, de maneira positiva, a prosódia pode ser entendida como um conjunto de aspectos fonológicos suprasegmentais, definidos mutuamente, que se relacionam com as palavras escolhidas de forma variável. Esses aspectos seriam, portanto, opostos àqueles padrões segmentais (como os fonemas e significado lexical), nos quais as relações entre as palavras escolhidas acontecem diretamente. Defendendo a prosódia em seu sentido amplo e não restrita apenas à melodia, o autor pondera que três parâmetros devem ser considerados: melodia, volume e duração. Esses parâmetros se relacionam às dimensões físicas de frequência fundamental, intensidade e tempo, respectivamente.

De acordo com Liberman (1975), uma sentença pode ter seu efeito alterado pela maneira como ela é dita. Assim, em alguns casos, as diferentes maneiras de dizer uma mesma sequência de palavras irão refletir diferentes sentenças. Em outros casos, uma mesma sentença pode ser dita de diferentes maneiras. Essa maneira de dizer uma sequência de palavras pode ser traduzida como entonação. Resumidamente, a proposta do autor é que, em palavras populares, o termo entonação possa ser interpretado como o “jeito de dizer” uma determinada frase (*way of saying*, nas palavras do autor). Deste modo, junto à organização sintática, a entonação é um elemento que também confere significado ao discurso.

Segundo 't Hart, Collier e Cohen (1990), o termo entonação refere-se a um conjunto de variações melódicas ao longo de uma elocução, correlacionadas às mudanças de frequência fundamental que se relacionam à periodicidade de vibrações das

cordas vocais. Conforme os autores, durante a produção de um enunciado, o falante não apenas controla a articulação dos sons, mas simultaneamente controla outros aspectos vocais, como qualidade de voz, ritmo, melodia, volume etc. A partir de modificações de alguns aspectos prosódicos, o falante corrobora a construção de sentido, complementando, via prosódia, o que é dito nos níveis lexical e sintático. Desse modo, a entonação é vista como um dos meios que o falante dispõe para conferir significado(s) ao discurso.

Como pode ser notado na literatura revisada acima, parece não haver um consenso entre os pesquisadores acerca do termo prosódia. Alguns autores, como 't Hart, Collier e Cohen, (1990) entendem que prosódia é um sinônimo de entonação. Por outro lado, autores como Crystal (1969) sustentam que a prosódia não se restringe somente à melodia, mas também engloba outros parâmetros, tais como ritmo, duração, intensidade etc. Assim como este último autor, defendemos a prosódia em seu sentido amplo, compreendendo variações de altura melódica, variações rítmicas, de intensidade e duração, incluídas as pausas.

2.1 A função atitudinal da prosódia

Ao longo do tempo foram atribuídas à prosódia diversas funções. A partir de aspectos entonacionais, podemos, por exemplo, distinguir modalidades frasais, identificar características de um falante, como sexo, faixa etária, origem geográfica etc. Outra contribuição importante da entonação é que, por meio dela, é possível reconhecermos e interpretarmos as atitudes pessoais do falante, como pontua Crystal (1985), além das emoções. Isso mostra que esses recursos são importantes para a desconstrução retórica do *ethos*, abordada anteriormente neste artigo, e também para a construção do *pathos*, que diz respeito às emoções despertadas no auditório. Em Couper-Kuhlen (1986), as funções da prosódia são divididas em informacional, grammatical, ilocucionária, atitudinal e, finalmente, textual/discursiva.

Nos últimos anos, os estudos acerca dos estados afetivos do falante, ou seja, a função atitudinal, têm ganhado foco. Wichmann (2000), por exemplo, sustenta que tal função é a mais importante das funções da prosódia. Reis (2005 *apud* Oliveira, 2011) também argumenta de maneira positiva e reconhece essa importância, ao afirmar que é a

partir dessa função que a prosódia age por excelência. Aubergé *et al.* (2005) nos dizem que a voz é responsável pela transmissão dos afetos, tanto automáticos, de controle involuntário, como daqueles que são controlados voluntariamente. Entre os estados afetivos do falante, podemos destacar as atitudes, o humor, a intenção, a postura em relação ao interlocutor e os traços de personalidade do locutor (SCHERER, 2003 *apud* ANTUNES, 2007). Todavia, esses conceitos, especialmente o de atitude e o de emoção, não são bem definidos nos estudos prosódicos, apesar de serem distinguidos.

Sobre essas definições de atitudes e emoções, Couper-Kulen (1986) pontua que é preciso distinguir os estados afetivos não monitorados, determinados de maneira psicológica e compartilhados por uma comunidade linguística, dos estados afetivos convencionais, monitorados cognitivamente e que possuem alguma finalidade comunicativa. No primeiro caso, quando não há um controle por parte do falante, encontram-se as emoções. No segundo caso, quando há uma intenção comunicativa, encontram-se representadas as atitudes.

Wichmann (2000) propõe uma distinção entre atitude e emoção, em que apenas a emoção se expressa diretamente na fala, enquanto a atitude se manifesta de maneira indireta e é explicada por um processo de análise linguística. Ao propor a distinção entre entonação expressiva e entonação atitudinal, a autora entende que aquela se refere às características entonativas que expressam emoções e esta a qualquer aspecto entonativo que, junto a outros parâmetros, refletem o comportamento do falante em uma dada situação, isto é, a atitude.

Em Antunes (2006) é possível encontrarmos uma discussão bastante rica sobre o conceito de atitude. Conforme conceito proposto pela autora, entendemos que atitudes são

expressões controladas pelo falante (voluntárias, cognitivas, intencionais, motivadas, mais corticais), convencionadas (dependentes do sistema linguístico, e por isso adquiridas, apreendidas, e que não se expressam diretamente via prosódia), através das quais o falante informa seu ponto de vista dentro da interação verbal, dando ao ouvinte pistas para que seu comportamento seja percebido ou inferido. (ANTUNES, 2006, p. 122)

Assim, ao tomarmos o discurso político, podemos dizer que durante os momentos de ataque, o candidato controla e monitora suas expressões, com vistas à desconstrução

da imagem de seu adversário. É importante ponderarmos, no entanto, que não estamos restringindo as manifestações afetivas do locutor político às atitudes, pois sabemos que outros estados afetivos, como as emoções, também se manifestam nos momentos de confronto entre os candidatos. Porém, o que nos interessa neste trabalho são as atitudes.

No português brasileiro, algumas pesquisas têm ganhado espaço no que respeita ao papel da prosódia e sua função atitudinal. Em 2007, Antunes procurou apresentar em sua tese uma caracterização da prosódia nas atitudes neutra, de interesse, de dúvida, de crítica, de incredulidade, de provocação e de indução, em questões extraídas de programas de entrevistas. A autora observou que a prosódia, principalmente no que respeita à frequência fundamental (F_0), exerce um papel importante na expressão de atitudes em eventos locais. Para a expressão das atitudes, foram feitos ajustes locais nos valores e nos movimentos de F_0 , ora aumentando-os, ora diminuindo-os, mudando seu tempo de realização ou sua taxa de variação, a fim de que estes funcionem como pistas para diferenciar as atitudes estudadas.

Outro trabalho a ser citado é o realizado por Oliveira, Azevedo e Reis (2011), em que os autores investigaram as atitudes de dúvida, incerteza e incredulidade, em fala atuada. Entre os resultados apresentados pelos autores, evidenciou-se que a variação da melodia é um dos fatores que permitem a interpretação das intenções do falante. Assim, o nível de F_0 , a tessitura e a velocidade de fala são pistas acústicas importantes na expressão de emoções e atitudes no discurso.

No que diz respeito aos estudos acerca do discurso político, encontramos na literatura poucos trabalhos em que a prosódia é abordada. Um desses trabalhos é o de Piovezani (2013), no qual ele se propôs a analisar os elementos prosódicos de um pronunciamento eleitoral de Dilma Rousseff. O autor comenta que, nesse pronunciamento, a entonação é contínua, com pausas, às vezes mal colocadas entre verbo e seu objeto. Existem algumas oscilações de volume em algumas ênfases de sílabas tônicas. Questões relacionadas ao tempo constroem, finalmente, uma fala um tanto quanto hesitante, mas ainda tranquila e amena, conforme aponta Piovezani (2013). Na verdade, o que o autor pretende é mostrar como a imagem do sujeito Dilma Rousseff (então candidata à presidência da República) se constrói, atribuindo às questões enfáticas ou rítmicas ou, ainda, às questões entonacionais, um papel de constituinte nessa formação imagética da candidata.

Entendemos que trabalhos como os de Piovezani (2013) trazem contribuições aos estudos linguísticos, especialmente no que respeita a uma interface prosódia-discurso. Entretanto, esses trabalhos fecham-se bastante ao redor das questões discursivas, sem explorar as possibilidades maiores que podem ser contempladas num estudo prosódico. Os estados afetivos do falante, por exemplo, são trazidos ao discurso não somente por meio de sua argumentação retórica, mas por modulações na voz, pela maneira como cada candidato constrói uma crítica ou provocação, enfim, pela maneira como ele expressa suas atitudes e isso não é explorado no trabalho revisado. Assim, nossa crítica aqui diz respeito à realização de estudos que tratem do aspecto prosódico, especialmente no que respeita a função atitudinal, junto à argumentação retórica, uma vez que a prosódia é um elemento importante para a construção de sentido no discurso.

3. Considerações Metodológicas

Partindo das ideias apresentadas por Charaudeau (2006) de que todo candidato constrói, no discurso, um *ethos* político, apresentaremos uma análise de um momento em que a prosódia atua junto à argumentação em situações em que os candidatos entram em confronto com seus adversários, na tentativa de desconstruir esse *ethos*. No entanto, para que possamos proceder às análises, julgamos importante retomarmos algumas questões sobre medidas acústicas, caras aos estudos prosódicos, em especial àqueles dos estados afetivos do falante.

Como tem sido descrito na literatura, diversos parâmetros prosódicos podem servir como pistas de expressão das atitudes. Goldman *et al.* (2007) pontuam que parâmetros como frequência fundamental (F_0), duração e intensidade¹ são aspectos importantes a serem contemplados num estudo prosódico. Recentemente, o termo qualidade de voz tem sido proposto como o quarto parâmetro, porém, nos ateremos aqui especialmente aos dois primeiros. Os dois últimos demandam de atenção especial e não gostaríamos de nos ater sobre elas por agora. A título de exemplo, uma análise confiável da intensidade requer cuidados quanto à posição do microfone em relação à boca do falante. Um

¹ Essas medidas podem ser obtidas com o auxílio do software PRAAT, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, disponível, gratuitamente, em www.praat.org.

afastamento repentino, ocasionado por algum movimento de pescoço, pode ocasionar mudanças significativas nesse parâmetro.

A F_0 relaciona-se, em um nível fisiológico, à tensão nos músculos laríngeos. No nível perceptivo, refere-se à altura melódica percebida pelo ouvinte (mais agudo ou mais grave). O parâmetro de duração diz respeito ao tempo de articulação num nível fisiológico, relacionando-se à duração (se longa ou breve, lenta ou rápida, por exemplo) em nível perceptivo. Mudanças significativas foram encontradas nesses parâmetros na expressão de atitudes (cf. ANTUNES, 2007; SILVA, 2008; OLIVEIRA, 2011). Portanto, acreditamos que estes são aspectos importantes a serem descritos, ao caracterizarmos os momentos de ataque no discurso político.

Seguindo a metodologia de análise dos trabalhos supracitados, foram observados os seguintes valores para a F_0 : pontos descritivos mínimo, máximo, inicial, final e a média de F_0 . Essas medidas foram dadas em semitons/100Hz (st/100Hz), pois esses valores são relativos e, por isso, permitem, conforme Simon *et al.* (2010), que seja feita uma comparação entre locutores. Em relação à duração, foram observadas as taxas de articulação (divisão das sílabas enunciadas pelo tempo total da enunciação, considerando as pausas), em sílabas/segundo (síl/s), e a duração silábica, em milissegundos (ms), nos elementos enfatizados, procurando estabelecer alguma relação entre tais elementos e a expressão das atitudes.

Feitas as considerações acima, vejamos como acontecem as construções discursivas, com vistas a um ataque ao *ethos* adversário, em um momento de confronto entre candidatos ao governo de Minas Gerais, nas eleições de 2014, num debate transmitido pela TV Alterosa².

4. Das desconstruções *ethicas* no discurso político: prosódia e argumentação retórica

O debate realizado pela TV Alterosa contaria com a presença de candidatos dos partidos que tiveram representatividade na câmara federal nas eleições de 2010, a saber: Tarécio Delgado, Fidélis Alcântara, Pimenta da Veiga e Fernando Pimentel, que não compareceu ao debate. Dividido em cinco blocos, o debate possibilitou discussões entre

² O debate aconteceu no dia 23 de setembro de 2014. Disponível em: <<http://www.alterosa.com.br/app/belo-horizonte/noticia/jornalismo/ja---1ed/2014/09/24/noticia-ja-1edicao,121057/veja-na-integra-o-debate-entre-os-candidatos-ao-governo-de-minas.shtml>>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

os candidatos que, além de responderam às perguntas de representantes das Indústrias de Minas Gerais (FIEMG) e de jornalistas, puderam travar embates diretos.

Fernando Pimentel não pode comparecer ao debate devido a uma faringite. Ainda assim, Tarcísio Delgado comenta que gostaria de uma discussão com ele. Como esse confronto não seria possível, Tarcísio se direciona ao candidato Fidélis Alcântara e o questiona sobre o que foi feito pela Presidente Dilma Rousseff e por Pimentel para impedir a espoliação de Minas no caso da exploração de minério, apoiado em um *ethos* prévio político do candidato ausente do PT para criticá-lo. Ele pontua que Pimentel gozava de um grande prestígio junto à presidente Dilma Rousseff. Assim, podemos dizer que o *ethos* prévio do candidato Pimentel é trazido ao discurso com base na credibilidade que ele tinha junto à presidente, mostrando-o como um candidato virtuoso, competente, sério e que, portanto, deveria ter feito alguma coisa para impedir os abusos na exploração de minério. Segundo Tarcísio, nada foi feito e aqui encontramos um momento de ataque a Fernando Pimentel, como poderá ser visto no trecho apresentado a seguir.

Tarcísio Delgado: E temos que ficar exaltados. Alguém reclamou “Tarcísio, você fica exaltado”. Tenho que ficar exaltado! Eu tô na defesa do meu estado! Tô na defesa da minha gente! Tô na defesa dos meus professores! Tô na defesa do que há de mais nobre nesse estado! Contra uma espoliação nojenta que nós temos no caso do minério. Principalmente de ferro e de nióbio em Minas Gerais.

No trecho reproduzido acima, o ataque é percebido claramente quando o candidato diz que luta contra uma “espoliação nojenta” existente em Minas Gerais e que esta deveria ter sido combatida no estado. As escolhas lexicais do orador, neste caso, são dotadas de valor semântico que pesa de maneira significativa ao construir sua crítica ao candidato petista. Parece-nos que as estratégias retórico-argumentativas e as construções discursivas utilizadas pelo candidato direcionam-se para os ataques a seu adversário ao mesmo tempo em que ele tenta construir uma imagem positiva de si. Ao realizar esse ataque, sua intenção é, por conseguinte, desconstruir o *ethos* de Fernando Pimentel, promovendo uma autoimagem positiva.

É importante pontuarmos que as estratégias apresentadas nas análises acima não são os únicos elementos linguísticos que participam desse processo discursivo.

Perceptivamente, notamos que aspectos prosódicos importantes manifestam-se nesses momentos e atuam junto à argumentação retórica, corroborando a construção de sentido. Entre eles, podemos citar mudanças melódicas e algumas questões relacionadas ao ritmo e volume de fala, por exemplo, que são importantes para o reconhecimento das intenções do falante, especialmente ao compararmos um enunciado em que há a presença de uma crítica, e um segundo, atitudinalmente neutro. Vejamos na figura abaixo como a F_0 se comportou nesse momento de ataque, especialmente durante a elocução da frase “Contra uma espoliação nojenta que nós temos no caso do minério”:

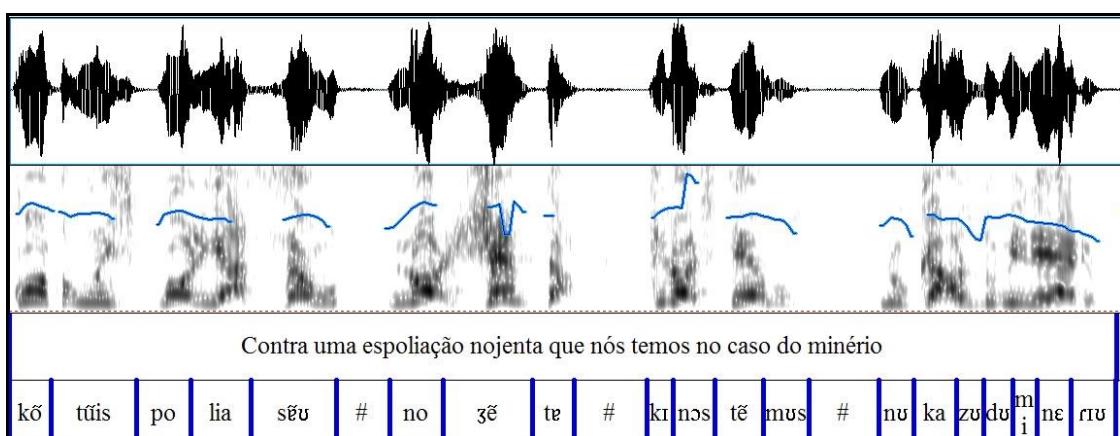


Figura 1: Curva de F_0 , ondas sonoras e espectrograma do enunciado “Contra uma espoliação nojenta que nós temos no caso do minério”, dito por Tarcísio Delgado, no debate realizado pela TV Alterosa em 23 de setembro de 2014.

No enunciado acima, vemos que há uma elevação no que respeita à F_0 . O valor médio desse parâmetro foi de 17,45 st/100Hz. O valor inicial também tende a ser mais elevado na crítica, em 19,78 st/100Hz. Observamos valores de frequência também elevados nos pontos final e mínimo que, aliás, coincidem: 11,95 st/100Hz. É interessante notarmos que o valor máximo de F_0 , em 23,06 st/100Hz, encontra-se na sílaba pretônica do item “nojenta”, realçando ou enfatizando esse elemento.

Em relação às medidas de duração, há mudanças importantes no que respeita esse parâmetro, especialmente à duração média e à taxa de articulação. Em enunciados críticos, as sílabas tendem a ter duração média de 0,18 ms. A taxa de articulação medida para o enunciado produzido foi de 4,8 síl/s. É curioso notarmos aqui que, ao nos atermos mais uma vez ao item lexical “nojenta”, encontramos a sílaba de maior duração do enunciado: 0,359 ms.

Vejamos agora como esses parâmetros se comportaram durante a produção de um enunciado atitudinalmente neutro³.

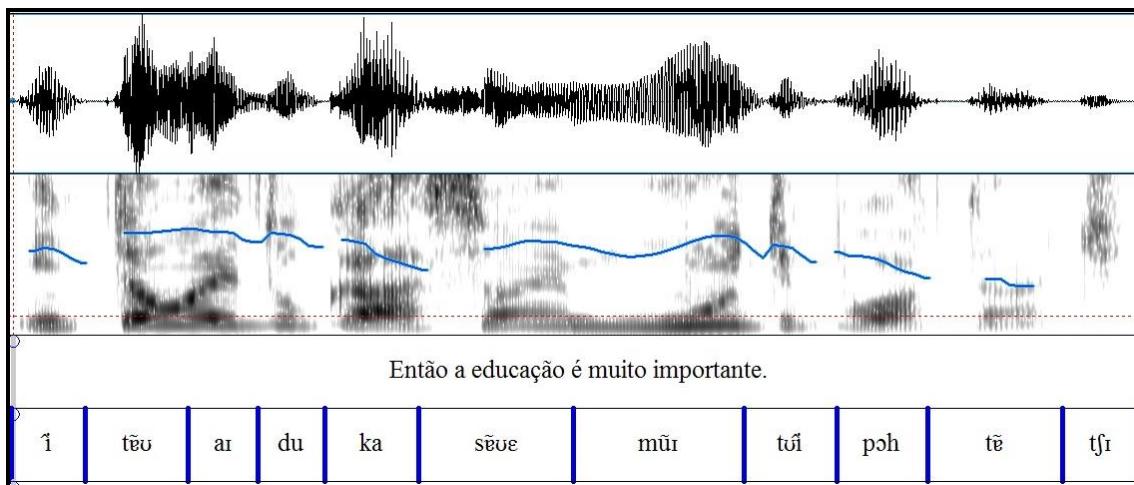


Figura 2: Curva de F0, ondas sonoras e espectrograma do enunciado “Então a educação é muito importante”, dito por Tarcísio Delgado, no debate realizado pela TV Globo Minas, em 30 de setembro de 2014.

Os valores de F₀ durante a elocução do enunciado “Então a educação é muito importante” foram bem mais baixos, se comparados aos valores durante a expressão da crítica. Os valores de F₀ aqui são de: 11, 87 st/100Hz (inicial); 15, 16 st/100Hz (máximo); 1,75 st/100Hz (mínimo e final); 11,57 st/100Hz (média). No que tange à duração, também foram encontrados valores diferentes. As sílabas do enunciado neutro têm duração média de 0,15 ms e a taxa de articulação foi de 6,8 sél/seg. A sílaba mais longa medida nesse enunciado, qual seja “muito”, tem duração de aproximadamente 0,27 ms.

A título de comparação, vejamos as tabelas abaixo, retomando os principais resultados encontrados. Vejamos, primeiramente, a frequência fundamental.

Frequência Fundamental (F₀) (st/100Hz)					
	F ₀ Inicial	F ₀ Final	F ₀ Máximo	F ₀ Mínimo	F ₀ Média
Crítica	19,78	11,95	23,06	11,95	17,45
Neutro	11,87	1,75	15,16	1,75	11,57

³ Este enunciado neutro encontra-se num outro debate, realizado pela TV Globo Minas, em 30 de setembro de 2014. Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/g1-eleicoes-2014-mg/t/veja-tambem/v/debate-entre-os-candidatos-ao-governo-de-mg/3665183/>. Acesso em 22 de março de 2015.

Tabela 1: medidas de F0, nos pontos inicial, final, máximo, mínimo e da média de enunciado com atitude de crítica e neutro.

No que diz respeito ao parâmetro de duração, os resultados podem ser summarizados a seguir:

Duração			
	Dur. síl. Média (s)	Taxa de artic. (síl/seg)	Síl. Enf. (s)
Crítica	0,18	4,8	0,35
Neutro	0,15	6,8	0,27

Tabela 2: medidas de duração silábica média, taxa de articulação e duração de sílaba enfatizada de enunciado com atitude de crítica e neutro.

Como pode ser observado nas tabelas acima, bem como ao longo dos resultados apresentados, a crítica tende a apresentar valores mais elevados para a frequência fundamental, bem como para a duração. A taxa de articulação, menor no enunciado crítico, remete a uma fala mais lenta, em relação ao enunciado neutro. Acreditamos que as variações melódicas, bem como as de duração, são elementos prosódicos importantes que, junto à argumentação retórica, auxiliam o ouvinte no processo de construção de sentido.

Ao cotejarmos as análises discursivas e as análises acústicas, pudemos mostrar que a prosódia atua significativamente durante esses momentos de desconstrução do *ethos*. O candidato Tarcísio Delgado, quando pretende trazer à luz uma imagem negativa de seu adversário, não o faz somente por meio da retórica. Ao enunciar sua luta contra uma “espoliação nojenta”, vemos que o item lexical “nojenta”, que sustenta sua posição em relação à postura adversária, recebe destaque e é enfatizado por meio de elementos prosódicos. O prolongamento silábico, a fala mais lenta e as mudanças melódicas dão força à argumentação do candidato, quando este tenta desconstruir a imagem de Fernando Pimentel.

Considerações Finais

Neste artigo, buscamos discutir como a prosódia atua no discurso político nos momentos em que os candidatos que participam de debates políticos eleitorais televisionados entram em confronto com seus adversários. Nesses momentos, os candidatos não somente buscam promover uma imagem positiva de si, mas também

atacar seus contendentes, com vistas à desconstrução do que Charaudeau (2006) chamou de *ethos* político. Para isso, fazem uso de diversas estratégias retórico-argumentativas, expressando diversas atitudes, como a crítica. Durante a expressão dessas atitudes, e também durante o ataque, elementos prosódicos unem-se à retórica, corroborando a construção de sentido do enunciado crítico.

Entre os resultados, salientamos que a expressão da crítica tende a apresentar valores mais elevados de F_0 , além de mudanças importantes no que respeita à duração. Como pode ser observado, alguns itens lexicais, de grande peso semântico, são marcados no discurso, por exemplo, por meio de variações melódicas e prolongamentos silábico. Temos aqui grandes contribuições da prosódia no que respeita a construção desses enunciados.

Para finalizar, reiteremos que nosso objetivo não é, sobremaneira, generalizar esses resultados, mas sim trazer à luz as primeiras discussões acerca de um estudo que está sendo realizado e em fase de finalização. Objetivamos aqui, sobretudo, mostrar que a prosódia é um elemento linguístico importante para o discurso, atuando de maneira bastante expressiva durante a construção discursiva, junto à argumentação.

Referências

ANTUNES, L. B. O conceito das atitudes na literatura prosódica. *Asa-Palavra*, Brumadinho, v. 5, p.107-125, 2006.

ANTUNES, L. B. *O papel da prosódia na expressão de atitudes do locutor em questões*. 306f. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2007.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

AUBERGÉ, V.; RILLIARD, A.; AUDIBERT, N. De E-Wiz à E-Clone: méthodologie expérimentale pour la modélisation des émotions et affects authentiques. In : *Actes du Workshop Francophone sur les Agents Conversationnels Animés*, Grenoble, France, 2005. p. 125-134.

BARBOSA, P. Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 11-27, jan./ jun. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2571/2523>>. Acesso em ago. 2014.

CHARAUDEAU, P. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.

Revista do SELL

v. 6, no. 1

ISSN: 1983 – 3873

COUPER-KUHLEN, E. *An introduction to English Prosody*. Tübingen: Niemeyer, 1986.

CRYSTAL, D. *Prosodic Systems and Intonation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

CRYSTAL, D. *Dicionário de Lingüística e Fonética*/ tradução e adaptação [da 2^a ed. Inglesa rev. e ampliada, publicada em 1985], Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

GOLDMAN, J-P.; AUCHLIN, A.; SIMON, A.C.; AVANZI, M. Phonostylographie: un outil de description prosodique. Comparaison du style radiophonique et lu. In: *Cahiers de Linguistique française*, 28, 2008, 219-237.

't HART, J., COLLIER, R. & COHEN, A. *A Perceptual Study of Intonation*. Cambrigde: Cambrigde University Press, 1990.

HIRST, D.; DI CRISTO, A. *Intonation Systems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

LIBERMAN, M.Y. *The Intonational System of English*. Doctoral Dissertation, Massachusetts: MIT, 1975.

MAINQUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.) *Ethos discursivo*. Contexto, 2006. p. 11-29.

MAINQUENEAU, D. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, R (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 69-92.

OLIVEIRA, B. F. V. de. *A prosódia na expressão das atitudes de dúvida, incerteza e incredulidade no português brasileiro*. 194f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2011.

OLIVEIRA, B. F. V. de; AZEVEDO, L. L. de; REIS, C. A prosódia na expressão das atitudes de dúvida, incerteza e incredulidade no português brasileiro. In: *Anais do III Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala*. v. 1. n. 1. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

PIOVEZANI, C. A voz no feminino: uma análise discursiva de Elementos prosódicos num pronunciamento eleitoral de Dilma Rousseff. In: *Fragmentum: Modos de subjetivação operados pela voz em discurso*. n. 36. Laboratório Corpus: UFSM, Jan./Mar., 2013.

REIS, C. Prosódia e Telejornalismo. In: GAMA, A. C. C.; KYRILLOS, L.; FEIJÓ, D. (orgs). *Fonoaudiologia e Telejornalismo: Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. Apud: OLIVEIRA, B. F. V. de. *A prosódia na expressão das atitudes de dúvida, incerteza e incredulidade no português brasileiro*. 194f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2011.

Revista do SELL

v. 6, no. 1

ISSN: 1983 – 3873

SCHERER, K. *Vocal Communication of emotion: a review of research paradigms.* Speech Communication, v. 40, 2003. p. 227-256. Apud: ANTUNES, L. B. *O papel da prosódia na expressão de atitudes do locutor em questões.* 306f. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, J. P. de G. *Análise dos aspectos prosódicos na expressão da certeza e da dúvida no português brasileiro.* 171 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2008

WICHMANN, A. The attitudinal effects of prosody and how they relate to emotion. COWIE, R.; DOUGLAS-COWIE, E .; SCHRÖDER, M (eds). Proceedings of the ISCA Workshop on Speech and Emotion. Newcastle, september, 2000.